7.9.76

TL 2472

A QUESTÃO DE TIMOR ESTÁ EM ABERTO
SOLIDARIEDADE COM A LUTA DA FRETILIN

1. Está prevista para breve a reabertura do debate sobre Timor no âmbito do Conselho de Segurança da ONU e, embora se possa duvidar da eficácia desse organismo manietado pelas grandes potências, esse debate poderá constituir uma nova oportunidade para recordar um problema que muitos estão interessados em esquecer. Aliás, o facto de ainda recentemente a Conferência dos Não Alinhados em Colombo ter condenado a agressão indonésia e exigido a auto-determinação do povo timor, mostra que as forças progressistas mundiais não podem aceitar a política dos factos consumados quando estão em jogo os direitos fundamentais dos povos.

2. Na verdade, a questão de Timor-Leste não está encerrada, e isto por uma razão determinante: o povo timor, que lutou contra o colonialismo português, prossegue a resistência armada contra a ocupação militar indonésia. Há notícias confirmadas de que a FRETILIN não está derrotada, de que há numerosos focos de resistência nas montanhas e de que, inclusivamente, ainda há pouco tempo algumas importantes localidades foram libertadas. Apesar das enormes dificuldades, agravadas pelo isolamento geográfico, apesar da desproporção de forças e recursos, em Timor a luta continua.

3. Em contraste com esta realidade da resistência popular e com as próprias posições das assembleias internacionais, o poder político em Portugal tem mantido um silêncio vergonhoso e indigno perante as tentativas da Indonésia por anexar aquela antiga colónia portuguesa. O facto de a burguesia "metropolitana" nada ter a ganhar em Timor, leva-a a desprezar aquele povo e a consentir, sem mesmo protestar, que ele seja esmagado pelo mais odioso regime fascista asiático.

4. A libertação dos militares portugueses presos pela Indonésia foi um acontecimento positivo que pôs termo a uma situação injusta. Mas não podemos aceitar qualquer espécie de chantagem a esse respeito ou admitir que eles tenham servido como moeda de troca para a cumplicidade com a dominação sobre todo um povo. Consideramos por isso preocupante que se comece a aceitar a hipótese de restabelecer relações diplomáticas com a Indonésia, o que equivaleria a sancionar a agressão fascista e a legitimar a violação do direito do povo timor à independência.

5. O CIDAC apela para todas as forças progressistas portuguesas no sentido de promoverem uma campanha de esclarecimento e mobilização, solidárias com a luta popular em Timor-Leste, exigindo ao Governo uma posição firme de não cedência perante as pressões do imperialismo. Quando se trata de lutar contra o fascismo e a opressão, seja em que parte do mundo for, a luta é também nossa.

7 de Setembro de 1976

C.I.D.A-C. (Centro de Informação e Documentação Anti-Colonial)